4 Construtivismo e o final da guerra fria

Este capítulo vai abordar o final da Guerra Fria sob a ótica construtivista. Será utilizado como ponto de partida, para organizar a análise, o processo descrito por Wendt em 1992 em "Anarchy is What States Make of It", junto a subsídios de diversos outros textos construtivistas¹ (e historiadores que retratam o período. O processo será dividido em quatro estágios, a crise do consenso, reflexão crítica, altercasting e reciprocidade.

As distribuições de idéias são estruturas sociais. Algumas destas idéias são compartilhadas, outras não. As que são formam uma estrutura chamada de cultura. A cultura de um sistema anárquico pode assumir três formas, Hobbesiana, Lockeana e Kantiana, dependendo de diferentes papéis que predominem: inimigo, rival ou amigo. Estes papéis e esta estrutura são constituídos pelas representações do Self e Other dos atores estatais e pelas suas práticas na interação, mas adquirem uma lógica relativamente autônoma no nível macro. Estas culturas são de fato profecias auto-realizáveis que tendem a se reproduzir, gerando os próprios comportamentos compatíveis com sua lógica. (Wendt, 1999).

Contudo, ao definir o sistema internacional como uma distribuição de idéias, abre-se o caminho para a mudança – estruturas e agentes são ambos efeitos do que os atores fazem. E o comportamento dos atores é efeito de sua identidade. Se é possível transformar a identidade através de uma ação reflexiva, é possível transformar a dinâmica de interação entre os estados, e portanto a lógica da anarquia. Agentes e estruturas são processos também, e é isto que permite dizer que a "anarquia é o que os estados fazem dela" (Wendt, 1999:313). É este o tema deste capítulo.

Katzenstein (1996) oferece também uma lembrança útil de alguns conceitos centrais do modelo de Wendt. Problematiza os interesses do estado que explicações predominantes sobre segurança nacional tomam como dados.

"Por que a União Soviética considerou ser de seu interesse retirar-se da Europa oriental nos últimos estágios da Guerra Fria, quando tinha rejeitado tais sugestões várias vezes antes? Respostas a estas perguntas são importantes, e não óbvias. Os interesses do estado não existem para serem descobertos por atores racionais e

¹ Incluindo é claro o texto de 1999 do próprio Wendt

auto-interessados. Interesses são construídos " (Katzenstein, 1996:2).

Enquanto que o Neorealismo insiste que mudança nas capacidades relativas são os fatores principais na política internacional, é difícil ligar o final da Guerra Fria e o desmoronamento da União Soviética com mudanças nas capacidades. Embora o declínio econômico possa ter contribuído para a percepção dos líderes soviéticos sobre a necessidade de reforma ou mudança, não era de modo algum claro, quando ou como esta mudança ocorreria.

Tanto o neorealismo quanto o neoliberalismo tem uma análise de três passos. No primeiro, especifica-se um conjunto de restrições. Em seguida, um certo número de atores que tem certos interesses (pré-existentes). O comportamento é resultado da interação destes interesses dadas as restrições – uma análise que privilegia a racionalidade instrumental dos atores. Neste sentido, o modelo racionalista assume que o que está em jogo são apenas escolhas de comportamento, as identidades e interesses dos agentes não estão no processo, são dados. Já o modelo construtivista assume que os agentes são constituídos no processo de interação. Suas propriedades e não só seus comportamentos estão envolvidos.

Katzenstein propõe reavaliar duas características presentes tanto em uma quanto em outra corrente: uma é conceber o ambiente em que estados atuam como mais do que as capacidades físicas dos estados, e outra é trazer atenção para os efeitos constitutivos que este ambiente mais denso (cultura) pode ter sobre a identidade de estados – assim moldando seus interesses.

Estados têm a capacidade de construir muito mais do que ameaças, na medida em que papéis são escolhidos pelos atores, existe a possibilidade de "planejamento de personagem" (Wendt, 1992:157), ou seja, de auto-reflexão crítica e de escolhas que podem mudar suas "vidas". Este processo não pode acontecer o tempo todo - a ordem social seria impossível; A tendência para procurar a segurança ontológica leva a uma relativa estabilidade de identidades.

Esta escolha excepcional e consciente, portanto, de transcender papéis tem duas pré-condições. Em primeiro lugar, deve haver uma razão para refletir sobre si mesmo – que pode emanar de novas situações sociais que não podem ser mantidas com antigas auto-concepções. Em segundo lugar, os custos esperados da mudança de papéis, as sanções impostas por outros – não podem ser maiores do

que as recompensas.

"Quando estas condições estão presentes, atores podem engajar em auto-reflexão e práticas especificamente desenhadas para transformar suas identidades e interesses e assim 'mudar o jogo' no qual estão inseridos. Tal teoria estratégica e prática 'críticas' não recebeu a atenção que merece de estudantes da política mundial (outro legado dos interesses dados talvez), particularmente considerando que um dos mais importantes fenômenos da política mundial contemporânea, a política do 'Novo Pensamento' de Mikhail Gorbachev, é precisamente isto" (Wendt, 1992: 158).

Trata-se então do processo descrito no final do primeiro capítulo, onde uma cultura que forma um sistema de segurança competitiva pode se tornar um sistema cooperativo, ou seja, como uma cultura Lockeana pode se transformar numa Kantiana² – e Wendt divide este processo em quatro estágios (Wendt, 1992:159-161).

O novo relacionamento cooperativo desenvolveu-se primeiramente com a quebra do consenso sobre identidade dentro da União Soviética, com três motivos centrais: a inabilidade de lidar com o desafio econômico-tecnológico-militar do Ocidente, o declínio da legitimidade interna e a garantia do Ocidente de que não invadiria a União Soviética.

O segundo estágio é a análise crítica de antigas idéias sobre *self* e *other* e portanto das estruturas de interação sustentadas por estas idéias. É necessário desnaturalizar práticas aparentemente inevitáveis, identificando novos 'eus' possíveis e aspirações. Gorbachev e o Novo Pensamento portanto rejeitam a crença em um conflito inerente entre estados socialistas e capitalistas, e compreende o papel que as práticas agressivas tiveram na sustentação do conflito.

No terceiro estágio, para mudar a própria identidade, já que ela é sustentada na interação, é necessário mudar as identidades e interesses dos outros que ajudavam a sustentar estes sistemas de interação. Neste caso, um "outro" em particular, os Estados Unidos. Para isto, a mudança nas próprias práticas e o *altercasting* – uma técnica em que ego tenta induzir alter a adquirir uma identidade diferente, compatível com a nova identidade que ego deseja para si, como se já tivesse esta nova identidade. Na medida em que a identidade de alter é um reflexo das práticas de ego, mudando estas práticas ego começa a mudar a auto-concepção de alter.

Finalmente, no quarto estágio, a reciprocidade, as iniciativas de ego são bem sucedidas e alter também modifica suas práticas, recompensando as iniciativas de ego, o que incentiva novas práticas semelhantes, e assim por diante. Com o tempo, isto institucionaliza uma identificação positiva entre a segurança do *self* e a segurança do *other*, formando uma nova base intersubjetiva para a interação, solidificando novas identidades e interesses.

4.1

A quebra do consenso

O primeiro estágio é a quebra do consenso em torno do compromisso com certas identidades. Estas identidades no caso soviético seriam as centradas na teoria imperialista de Lênin, com sua crença de que as relações entre estados socialistas e capitalistas é inerentemente conflituosa, gerando determinados padrões de alianças. Este processo adquiriu força própria na medida em que a própria postura agressiva de um levava o outro a tomar a identidade de rival ou inimigo que correspondia à posição do primeiro. Na interação entre os dois, uma cultura de antagonismo ou rivalidade se reforçava a cada interação.

Esta concepção Leninista, contudo, já havia sido reformulada e não tinha o caráter revisionista (Hobbesiano) e antagônico que caracterizou o início do período de Guerra Fria. De fato, com Krushev e a detente e nos anos 80 a doutrina de co-existência pacífica de Brezhnev, o caráter da interação entre as superpotências já era claramente um de rivalidade (cultura Lockeana)³.

Nos anos 80 o consenso em torno desta teoria quebrou-se por várias razões, e Wendt cita a inabilidade do estado de lidar com o desafio tecnológico-econômico-militar do Ocidente⁴ e a crise interna de legitimidade, além da garantia à 'vida' representada por uma cultura de fato Lockeana.

Fatores materiais de fato podem afetar a evolução intelectual e as escolhas de política por parte de decisores. Períodos de crise, por exemplo, podem tanto estimular novas idéias quanto criar uma demanda por elas, especialmente em

² Vale ressaltar que este processo pode ter retrocessos significativos, e o momento atual pode ser crucial neste aspecto, mas isto não diminui a importância do final da Guerra Fria

³ O próprio Gorbachev procuraria reformar o socialismo e resgatar o ideal da revolução, inclusive recuperando determinadas idéias de Lênin (como no plano econômico), como será visto na seção 3.2.

momentos de sucessão governamental. Regimes que estão assumindo poder tendem a ser mais receptivos a novas idéias, criando mais oportunidades para um empreendedorismo político. A proeminência atingida pela crítica e pela estratégia do Novo Pensamento tem a ver com a severidade dos problemas enfrentados pelo país. (Herman, 1996:277).

Contudo, e este ponto é importante, como uma liderança política vai responder a um ambiente estratégico é indeterminado: depende de como decisores vão entender o mundo e como interpretam as ambíguas lições da história. Afinal, praticamente a mesma configuração de pressões internas e externas estavam presentes desde o regime brezhnev, sem mudanças significativas na política externa soviética. Além disto, havia controvérsias, soluções alternativas, e discordância entre os próprios Novos Pensadores.

Ou seja, o que esta análise procura abrir são novas possibilidades para política externa e mudança sistêmica. Idealismo não é utopianismo, é muito mais difícil mudar a mente de alguém do que seu comportamento. Mas na medida em que interesses são constituídos por idéias, há maior chance de mudá-las, do que se simplesmente fossem um reflexo da natureza humana. A crise da União Soviética não determina como e quando, mas oferece a oportunidade, porque indica que algo está errado e precisa ser corrigido.

Snyder (1995) chama a União Soviética de um país industrializado muito tardio ("late, late industrializer"), e argumenta que embora as instituições de um governo central forte tivessem tido sucesso na fase de desenvolvimento extensivo, a economia de comando e a política hiper-centralizada eventualmente foram incapazes de lidar com as tarefas de um desenvolvimento intensivo- o uso mais eficiente de fatores de produção já mobilizados.

Ambas as superpotências gastaram trilhões de dólares em defesa, apenas para descobrir que caminhavam para seu próprio declínio interno. A União Soviética estava particularmente avariada:

"Em 1959 Krushev tinha prometido que a indústria soviética passaria o sistema americano em produção per capita nos anos 70. No meio dos anos 80, a liderança soviética tinha que admitir que isto tinha sido um sonho. Até o meio dos anos 70, Brezhnev tinha investido na defesa gastando até 15% do PNB nela.[...] E fez isto às

⁴ "A política externa soviética estava vivendo além de seus meios por um longo tempo"(Lebow, 1995:37).

custas de investimentos e setores civis. Uma estagnação depressiva e corrupta se instalou. A taxa de crescimento se aproximava de zero. [...] produtos de consumo eram de má qualidade [...] a expectativa de vida continuava a declinar de forma alarmante [...] alcoolismo, instalações hospitalares de má qualidade [...] e falta de comida[...]" (LaFeber, 1993:318-319).

Embora os dados não mostrem um declínio relativo (em termos de capacidades) que é o foco de explicações realistas as evidências sugerem que Gorbachev estava preocupado com o declínio econômico e a estagnação da União Soviética (Stein, 1995). O país estava sufocando sob as amarras de um sistema de comando burocrático, e estava chegando a um ponto de ruptura, de acordo com o próprio Gorbachev (Kegley Jr., 1994:19). Gorbachev havia herdado a estrutura social soviética e sua agência tinha que ser definida nestes termos. Ele não era obrigado a responder ao povo da mesma forma que teria se a União Soviética fosse um país democrático. Ele e o partido teriam um modo superior de conhecimento e poderiam liderar e guiar a nação. Contudo, a estrutura social continha instituições políticas e econômicas ineficientes. As suas ações precisavam ser feitas sob o peso de valores e princípios, padrões recorrentes de comportamento social, instituições e práticas. Era esta estrutura, e não alguma noção a priori de racionalidade que definia a natureza de sua agência. (Kubáľkoba, 2001:134-135).

Gorbachev entendia portanto a necessidade de mudança assim como muitos outros líderes. Mas é o processo de reflexão crítica e a abrangência de sua mudança que vai colocá-lo à parte de regimes anteriores. É claro que todos desejavam uma União Soviética mais forte e saudável. Mas o método e os objetivos de cada um foram muito diferentes. O que significa força? Poder econômico? Militar? Influência mundial? Liderança moral? E como chegar a este objetivo?

Quando o ambiente internacional é altamente restritivo as implicações de pressões estruturais são claras. Mas na maior parte do tempo estados não estão em "incêndios em hotéis", e neste caso uma variedade de crenças sobre como lidar com as necessidades são compatíveis com o interesse nacional. Estados precisam fazer certas coisas para assegurar suas identidades, e está na sua natureza procurar descobrir que coisas são essas e agir de acordo. (Wendt, 1999:238) É a resposta original e interessante que o Novo Pensamento vai dar para estas perguntas que torna válida a análise deste período.

Além da crise econômica em si, havia o declínio da legitimidade política

interna:

"Para piorar as dificuldades externas da União Soviética, havia um longo vácuo de liderança interna provocado pela fraqueza lenta de brezhnev e sua eventual morte em Novembro de 1982, pela instalação de seu sucessor, já doente, Yuri Andropov, que morreu em Fevereiro de 1984, e por seu sucessor igualmente geriátrico, Konstantin Chernenko. No momento em que um grupo forte de líderes ocidentais surgiu (...) esta aparente inabilidade de entregar a liderança a alguém que não os antigos bastiões do partido em seus leitos de morte eram um comentário significativo sobre o que o sistema soviético tinha se tornado." (Gaddis, 1992:124).

O Novo Pensamento, portanto, estava longe de ser inevitável, apesar das condições estruturais permissivas já que tinha pela frente estratégias alternativas que, mesmo que não tão viáveis no longo prazo, eram críveis e possuíam defensores capazes de rivalizar com o Novo Pensamento. Por exemplo, Herman aponta que:

"a mais provável trajetória de política derivada de uma combinação de hipóteses realistas e liberais aproxima-se da realpolitik conciliatória. [...] a estratégia do Novo Pensamento levada à sua conclusão lógica pela liderança de Gorbachev foi muito além da realpolitik conciliatória." (Herman, 1996:282).

Vale abordar aqui novamente, para separá-lo da análise de Wendt, o argumento de que foi a superioridade americana na corrida armamentista que levou à implosão do império soviético, de que a competição exauriu sua capacidade econômica e levou a União Soviética a cair sob o peso de seus próprios esforços. (Kegley Jr, 1994:13). Ou seja, os Estados Unidos teriam "ganho" a Guerra Fria na medida em que levaram a União Soviética à crise e a crise levou a União Soviética ao Novo Pensamento e suas conseqüências. O problema é a idéia de que esta competição era necessária ou natural, e que o acúmulo de armamentos dos Estados Unidos forçaria o outro lado a fazer o mesmo, e a linguagem militar agressiva seria o único modo de provocar uma mudança no que seria um inimigo implacável.

Esta análise parte da hipótese da "realpolitik" de que estados prevalecem quando são capazes de adquirir a força para intimidar seus adversários militarmente, daí a necessidade de negociar a partir de uma posição de força preponderante. Esta versão do *containment* era, no entanto, um contraproducente mito que, tal qual uma profecia auto-realizável, incentivava exatamente o tipo de

beligerância soviética que o Ocidente temia. (Kegley Jr., 1994:13).

Na raiz deste raciocínio está a lógica de uma anarquia Hobbesiana. A tradição realista tendeu a argumentar que idéias compartilhadas podem ser apenas criadas por uma autoridade central. Como na anarquia esta é ausente, estados têm que assumir o pior sobre as intenções de outros, e isto força todos a participarem das políticas de poder. A única idéia compartilhada é de fato simples prudência: a guerra pode acontecer a qualquer momento. (Wendt, 1999:252) A análise construtivista argumenta que mesmo a anarquia Hobbesiana tem um conteúdo cultural e idéias compartilhadas.

Colocando a União Soviética como um inimigo, está se dizendo que o "outro" é um ator que não reconhece o direito ao 'self' de existir como um ser autônomo e que portanto não vai limitar voluntariamente a violência em direção ao *self*. O limite, quando existe, não é interno: neste caso seria a balança de poder. Mesmo quando inimigos são quimeras, os efeitos de tal "inimizade" imaginada podem ser reais. (Wendt, 1999:260-261).

No início da Guerra Fria e da segunda Guerra Fria, tal raciocínio parecia dominar a relação entre Estados Unidos e União Soviética. Uma das conseqüências da lógica Hobbesiana é a de que capacidades militares adquirem uma importância crucial – na medida em que as intenções revisionistas são conhecidas (uma vez que sua identidade e interesses são dados), o poder se torna a chave da sobrevivência, para obter a paz, seria necessário preparar-se para a guerra.

O papel de inimigo é simétrico, construído por atores na mesma posição, simultaneamente. A *realpolitik*, portanto, é uma profecia auto-realizável: suas crenças geram as ações que confirmam as crenças iniciais. Uma vez que a lógica da inimizade começa estados vão se comportar de forma que se transformam em ameaças existenciais (mesmo que antes não fossem), e assim o próprio comportamento se torna parte do problema. (Wendt, 1999:263).

As preparações dos Estados Unidos para a guerra em tempos de paz, portanto, incentivaram um programa retaliatório soviético e uma corrida armamentista que reduziu a segurança de ambos. A atitude inicial do governo Reagan – que sobe ao poder em posição de confronto com a União Soviética, prometendo a "segunda Guerra Fria"-, portanto, pode ter adiado o fim da Guerra Fria ao solidificar a posição de conservadores no Kremlin. Em situações

internacionais tensas são os conservadores e reacionários que ganham influência.

Para transformar a interação entre as duas potências, era necessário construir uma cultura Lockeana, ou seja, o reconhecimento da soberania e do direito à vida e liberdade, garantindo que estados possam ter interesses muito mais amplos do que sobrevivência. De fato, embora a retórica do realismo e de Reagan na segunda Guerra Fria fosse uma que aparentemente defendia as hipóteses da cultura Hobbesiana, o ambiente da interação era efetivamente Lockeano, e é deste ponto de partida que Gorbachev vai propor um passo ainda mais ousado: uma identidade coletiva, uma cultura Kantiana; mas este ponto será revisto mais adiante.

"[...] e Reagan o derrotou [Carter] de forma decisiva ao utilizar uma plataforma que pedia a rejeição do tratado SALT II, um rápido aumento nos gastos de defesa que produziram uma superioridade militar sobre a União Soviética, e um retorno à contenção na sua forma mais militante. Não havia nada que indicasse, no momento em que foi eleito, que o novo presidente esperava nada menos do que uma nova Guerra Fria[...]" (Gaddis, 1992:120).

E a retirada da União Soviética da Europa e do Afeganistão no final dos anos 80 aconteceu bem depois que a investida armamentista tinha perdido seu ímpeto, e tinha ficado claro que a estratégia de negociação dura do Ocidente tinha falhado – talvez nunca tivesse pretendido ser bem-sucedida:

"Mas como o START teria forçado a União Soviética a cortes desproporcionais [...] muitos observadores consideraram-no, assim como a 'opção zero', como um esforço para interromper a negociação de controle de armas e não uma tentativa de atingir reduções reais[...]" (Gaddis, 1992:122).

As diversas crises da União Soviética preparam um contexto cultural que é aberto a alternativas, somado a uma situação internacional que já não era tão beligerante – se assim fosse, não haveria espaço para tais iniciativas. No momento em que Gorbachev assume poder, as relações entre Leste e Oeste eram fundamentalmente estáveis. Mais de duas décadas haviam se passado desde a última crise que quase havia levado a uma guerra. O compromisso de evitar a guerra era tomado como dado, e as superpotências estavam começando a estabelecer regras para regular sua competição estratégica. (Lebow et al., 1995:8).

O primeiro estágio trata da crise do consenso. A situação interna problemática da União Soviética somada a um ambiente internacional que já tinha um caráter de cultura Lockeana asfaltaram o caminho para uma transição de

liderança, e a desnaturalização das relações entre as superpotências. Não é que os Estados Unidos tenham "ganho" a Guerra Fria ao lançar uma ofensiva de construção de capacidades materiais, forçando a União Soviética a perder o "jogo", na medida em que sua crise econômico a impedia de responder adequadamente. A União Soviética na realidade responde ao propôr uma mudança de cultura, um jogo diferente onde o significado de capacidades é diferente (menor), e onde novamente poderia se colocar em uma posição relevante no plano internacional e reorganizar-se internamente (e para fazer as reformas internas que Gorbachev pretendia, a política externa teve papel crucial). A seguir analisa-se como esta nova cultura, este novo jogo é concebido.

4.2

Reflexão crítica – o que pensavam os "Novos Pensadores"

O segundo estágio é o exame crítico de antigas idéias sobre o *self* e *other* e, portanto, das estruturas de interação que estas idéias sustentavam. Em períodos onde as identidades de papéis são relativamente estáveis, idéias e estruturas podem se tornar reificadas, ou seja, tratadas como dadas, existentes independentemente da ação social. Neste caso, o segundo estágio trata de desnaturalizar isto, identificando as práticas que reproduzem idéias que eram aparentemente inevitáveis sobre o *self* e *other*.

A princípio, o voluntarismo desta reflexão crítica pode parecer contraditório com a hipótese mais estrutural do construtivismo, na medida em que reformadores são eles mesmos produtos da socialização em estruturas de identidade e interesses. Como mudar esta estrutura se a ela devem sua identidade?. A resposta segundo Wendt, está na distinção entre o "mim" e o "eu". O mim faz parte de uma subjetividade que depende das escolhas de outros, é definida em relação a 'outros significativos', através do processo de 'reflected appraisals' descrito pelo interacionismo simbólico. Mas os papéis não são designados automaticamente para os atores, mas são escolhidos e adaptados por cada ator. Mesmo nas situações mais restritivas, existe uma tomada de papéis, e o "eu" define a apropriação e a reação a papéis – e portanto, a liberdade de escolha (Wendt, 1992:157).

Enquanto que Moscow já havia argumentado que socialistas sobreviveriam a uma guerra nuclear, ou seja, que esta era uma opção concreta, Gorbachev

reiterou que uma guerra nuclear não pouparia ninguém – e que os problemas mundiais tais como meio-ambiente e escassez de recursos só poderia ser resolvido pela cooperação (Lafeber, 1993).

Alguns dos princípios do Novo Pensamento levantados por Kubálková são particularmente relevantes aqui:

- "3. A renúncia da guerra (e portanto de uma 'ameaça soviética');
4. O conceito de paz como o mais alto valor da humanidade[...]
5. A segurança de todos os estados como global e indivisível
6. A obtenção da segurança não por meios militares mas sim políticos; não com base em uma 'balança de poder' mas em uma 'balança de interesses' ⁵ em um sistema de segurança abrangente;
7. A redução do nível de confrontação militar[...]" (Kubálková, 2001:129).

De fato, quando se considera especialmente o quinto princípio e o sexto princípios, podemos encaixar a proposta dos novos pensadores como uma transição para uma cultura da anarquia Kantiana. Como se chegou a estes princípios? Em primeiro lugar era necessário identificar as práticas que constituíam a interação competitiva entre as superpotências, já reificadas sob a forma de uma "realidade" estrutural.

Por um lado, a abordagem soviética:

"ênfatizava a necessidade de distinguir entre estados, dependendo de sua identidade. Era isto que determinava seus interesses e portanto seu comportamento [...] o efeito da teoria do imperialismo de Lênin era de que as relações entre estados eram 'ideologizadas': estados estariam desempenhando papéis designados a eles por suas respectivas ideologias e eram, assim, protagonistas da luta de classes em suas relações com outros países" (Kubálková, 2001:126).

A sua contraparte nos Estados Unidos tinha seu exemplo em estudos de segurança, como descreve Gusterson:

"O discurso dominante nos estudos [...] legitimava amplamente o status quo, demonstrando uma aversão a-histórica e conservadora a discussões de mudanças políticas fundamentais. Isto se manifestava na [...] a hipótese de que a relação entre Estados Unidos e União Soviética era de uma *rivalidade* intransponível que poderia no melhor dos casos ser gerenciada; e na insistência (...) de que a esfera internacional era de alguma forma anárquica e que havia limites ao escopo de acordos e cooperação que poderiam ser negociados." (Gusterson, 1999:321,322).

De ambos os lados, vê-se a operação de uma lógica da anarquia (embora

com origens diferentes, em um caso ideológico, uma luta de classes, em outro uma racionalidade de busca do poder e de segurança) com a operação de uma balança de poder.

"Jack Snyder demonstrou que Brehznev também tinha uma teoria de detente de correlação de forças. Em uma curiosa analogia com a teoria ocidental que explica a mudança no comportamento Soviético pela paz-pela-força, a teoria de correlação de forças de Brehznev argumentava que 'o Ocidente só aceitaria um relaxamento da tensão quando um aumento na força soviética assim o demandasse" (Koslowski e Kratochwil, 1995:144).

Mesmo em plena "segunda Guerra Fria" e com as posturas agressivas de ambos os lados, encontramos uma cultura Lockeana bem internalizada (considerada legítima). Ou seja, são claramente potências rivais, mas reconhece-se o direito à vida e liberdade, ou seja, à soberania.

Rivais esperam que outros se comportem como se reconhecessem sua soberania como um direito. Neste caso, a soberania não é apenas uma propriedade de estados individuais, mas uma instituição compartilhada, que permite que os atores façam inferências sobre as intenções de status quo de outros mesmo sem acesso confiável às suas mentes.

A lógica da anarquia Lockeana gera quatro tendências enumeradas por Wendt, e duas especialmente são visíveis: a guerra é ao mesmo tempo aceita e restrita – tendem a ser limitadas, no sentido de não eliminar estados; e estados balançam poder – um efeito do reconhecimento mútuo da soberania: e é precisamente porque o balanço não é essencial para sua sobrevivência que pode se tornar a base para a ordem (Wendt, 1999:283). A anarquia descrita por Waltz é neste sentido Lockeana e não Hobbesiana.

"Sua analogia com os mercados, que pressupõe instituições que evitam que atores eliminem uns aos outros, sua ênfase no balanço, sua observação de que estados modernos tem uma baixa taxa de morte, e sua hipótese de que estados buscam segurança e não poder são todas coisas associadas com uma cultura Lockeana relativamente auto-contida, não uma guerra de todos contra todos. Em um sentido, isto não é surpreendente, já que a principal preocupação de Waltz, o sistema Westphaliano, é uma cultura Lockeana. Infelizmente, Waltz não lida com a possibilidade de que esta cultura tenha uma lógica diferente do que a Hobbesiana com o qual o Realismo é freqüentemente associado(...)" (Wendt, 1999:285).

⁵ Note a semelhança com a substituição que Wendt faz da distribuição de capacidades pela

Havia ainda, no entanto, componentes de uma cultura realista mais agressiva, ou seja, de uma cultura Hobbesiana, na retórica dos líderes tanto dos Estados Unidos quanto União Soviética. Gaddis aponta este componente nos Estados Unidos:

"Qualquer um que ouvisse seu discurso do 'império do mal' ou que considerasse as implicações da 'guerra nas estrelas' poderia muito bem concluir que Reagan via a relação Soviética-Americana como uma confrontação fundamental entre virtude e vício que não permitia nem negociação nem conciliação em qualquer forma; seu tom parecia mais apropriado a uma cruzada medieval [note as similaridades com o discurso pós 11 de setembro] do que a um renascimento da contenção. Certamente havia aqueles na administração que tinham esta visão, e sua influência, por algum tempo, era considerável. Mas enxergar as políticas do Presidente apenas em termos de sua retórica, agora é claro, teria sido errado" (Gaddis, 1992, 122,123).

Tanto de um lado quanto de outro encontramos em diversos momentos um esforço de colocar o outro em um papel de inimigo, mas que interesses estas iniciativas serviriam, ao sustentar uma "simbiose entre adversários"? (Wendt, 1999:275)

Uma hipótese é a de que os complexos militares-industriais teriam um interesse comum em sustentar a Guerra Fria por causa dos benefícios que gerava para cada um – benefícios que se tornavam maiores na medida em que o 'Outro' pudesse ser desenhado como uma ameaça existencial. Ao exagerar a ameaça e agir de formas agressivas cada um projetava e incentivava o outro a tomar a identidade de inimigo para que o *self* pudesse manter a sua.

Outro argumento é de que os discursos do perigo geravam a solidariedade de grupo – inimigos permitiram que estados consolidassem sua própria identidade e mesmo a distinção entre o que é interno e externo, assim constituindo e mantendo a própria estrutura do estado como um grupo distinto.

Apesar destes elementos Hobbesianos, a cultura do sistema internacional resistiu (embora nos momentos de crise, por pouco – um grave perigo de uma profecia auto-realizável) a um declínio rápido em direção a uma anarquia Hobbesiana. A lógica de matar ou morrer do estado de natureza de Hobbes já tinha sido substituída pela lógica de viva e deixe viver da sociedade anárquica Lockean. (Wendt, 1999:279) De qualquer modo, estes argumentos sobre simbiose de adversários ressaltam um aspecto importante: mesmo na anarquia

distribuição de interesses (Wendt, 1999: 135)

Hobbesiana existe um conteúdo cultural, uma estrutura de conhecimento compartilhado que é construído na interação, não advém da "condição" de anarquia.

Compreender esta lógica do interacionismo simbólico é o primeiro passo para imaginar a mudança.

"O problema com a concepção de bipolaridade de Waltz é que a natureza da competição Estados Unidos-União Soviética não é uma característica geral da configuração bipolar, mas sim o resultado de um determinado conjunto de práticas." (Koslowski et al., 1995:143).

Ou seja, em toda política, doméstica ou internacional, atores reproduzem ou alteram sistemas pelas suas ações. Qualquer sistema internacional não existe por causa de suas estruturas imutáveis: estas estruturas dependem das práticas dos atores para sua reprodução. (Koslowski et al., 1995:128).

"O interacionismo enfatiza que mesmo quando as idéias que constituem identidades ou interesses não estão mudando, estão sendo continuamente reforçadas na interação. A reprodução de agentes aparentemente 'dados', em outras palavras, é em si um efeito contínuo da interação." (Wendt, 1999:334)

A grande mudança na política internacional Soviética teria sido um produto da evolução cognitiva e do empreendedorismo político de redes de reformadores de "dentro do sistema" (soviético) orientados por conceitos ocidentais, junto com a chegada ao poder de uma liderança comprometida com a mudança e receptiva a novas idéias para resolver os formidáveis problemas enfrentados pelo país. (Herman, 1996:273).

Os reformadores radicais não estavam satisfeitos em amenizar o dilema de segurança – pretendiam transcendê-lo de todo. Uma União Soviética transformada tornaria o confronto da Guerra Fria um acontecimento do passado, um anacronismo.

Há duas visões bem diferentes deste processo. Herman (1996:273-275) aponta que redes de reformistas dentro do sistema soviético com orientação ocidental incluíam especialistas liberais em Relações Internacionais, e que o caminho radical tomado pelo regime soviético foi o trabalho de um subgrupo de especialistas que queria promover uma nova ordem política, baseada em parte em princípios que governavam as relações entre democracias ocidentais e dentro

delas – estes princípios teriam sido transmitidos a reformadores soviéticos através de contatos transnacionais que cresceram nos anos 70 e teriam sobrevivido ao declínio da detente. Outros elementos do novo pensamento teriam origem interna, tal como o relacionamento entre a paz e o socialismo e entre valores de classe e valores comuns da humanidade. A ligação com a política doméstica teria se dado pela hegemonia Soviética na Europa Oriental, que rompia a distinção entre política internacional e doméstica, e levou reformadores de política externa a procurar também mudanças fundamentais na sociedade soviética. Nesta linha de argumentação, o "novo pensamento" era novo comparado à antiga ideologia Marxista-Leninista e à doutrina brezhnev.

Kubálková, por outro lado, afirma que, embora o grupo de Gorbachev pretendesse desviar de algumas das práticas de Brezhnev e outros líderes soviéticos, o termo "novo pensamento" teria sua origem em Einstein, no contexto do movimento da Paz de Pugwash. "O Novo Pensamento viria substituir o que no Ocidente chamamos de pensamento realista, estado-cêntrico, o sistema Westphaliano que Gorbachev concordava que havia se tornado insustentável (com sua dependência no uso da violência) em uma era nuclear." (Kubálková, 2001:128)

"Uma abordagem construtivista analisa as ligações entre mudança doméstica e internacional sem concordar com a idéia de inevitabilidade histórica da democracia liberal. Observadores na Europa Oriental tais como Michnik sugeriram em 1987 que as reformas de Gorbachev não deveriam ser interpretadas como porta-vozes da democracia liberal ou social, mas sim, por trás destes esforços estava uma agenda de contra-reforma socialista. Essencialmente, Gorbachev procurava reter controle da política externa da Europa Oriental ao permitir, e depois até encorajar, a reforma doméstica do comunismo, com a expectativa de que seu próprio modelo de perestroika iria prevalecer e levar ao poder líderes com pensamento similar no bloco soviético." (Koslowski et al., 1995:145).

Para entender esta contra-reforma, Kubálkova (2001:132) analisa a ideologia soviética. As idéias no ápice desta estrutura tinham um papel retórico, cerimonial, legitimizador (símbolos focais⁶), e a principal noção era a do comunismo como "futuro da humanidade". O comunismo não era apenas um objetivo social, mas um padrão moral e ético para o mundo. As idéias sobre o comunismo eram não-confirmáveis e não-falsificáveis, e precisavam ser aceitos praticamente pela "fé". Se mudassem, o sistema inteiro se tornaria outra coisa,

⁶ a linguagem de símbolos será introduzida na seção 3.3

como eventualmente aconteceu. A ideologia soviética tinha um forte componente moral, e suas regras de instrução eram mais fortes do que o normal por consequência. Seu caráter hegemônico era de uma religião secular.

"A razão pela qual menciono esta natureza hegemônica da sociedade soviética (...) é explicar porque algumas das mudanças de Gorbachev estavam fadadas ao fracasso. [...] a introdução de regras capitalistas e democráticas na sociedade soviética, embora em uma maneira estritamente controlada que Gorbachev 'prometeu' em seus discursos internacionais (uma forma de regras de compromisso), precisavam para seu sucesso da presença no contexto doméstico de regras correspondentes. Estas estavam totalmente ausentes. [...] Gorbachev não teve tempo suficiente para lidar com as necessárias mudanças de regras" (Kubálková, 2001:133).

Por exemplo, o empreendedorismo capitalista era considerado especulação e era proibido, com uma pena de anos de prisão. Não era possível criar uma sociedade individualista da noite para o dia. E as idéias Marxistas-Leninistas tinham um papel legitimizador importante na União Soviética. A propriedade privada nas idéias de Marx alienava aqueles que a possuíam e distorciam sua maneira de pensar. Como introduzir algo que se parecesse com livre mercado nestas condições?

Além disto, enquanto alguns observadores ocidentais acreditavam que Gorbachev seria restrito pela estrutura bipolar da Guerra Fria, que permitiria um leque pequeno de opções, perdiam de vista os múltiplos contextos onde Gorbachev operava.

Isto significava que em seu esforço de fazer mudanças para preservar a estrutura social, Gorbachev enquanto agente incorporava diversos arranjos sociais simultaneamente. A mesma mensagem era interpretada de forma diferente por diferentes audiências, e isto levou a mal-entendidos. (Kubálkova, 2001:136).

A ênfase nesta ou naquela estrutura social na qual ele operava, ou seja, a quem a sua mensagem era primariamente dirigida, mudava constantemente. A popularidade que obteve no Ocidente terminou por levá-lo a um foco principal no seu papel como agente internacional, em detrimento de outros contextos (daí a falha das reformas internas). (Kubálkova, 2001: 136).

Gorbachev e o Novo Pensamento não tratavam da rejeição, portanto, de todo o pensamento soviético, especialmente do Marxismo-Leninismo.

"É quando é considerada como uma forma de Marxismo que a gama de iniciativas de Gorbachev começa a fazer sentido"[...] Ao desenhar uma estratégia para Marxistas em uma situação fraca e vulnerável, Gramsci pensou que haveria um modo Marxista de mover-se da tradicional ênfase em lutas abertas coercitivas de classes para uma ênfase na cultura e na consciência, e o molde de um consenso nas linhas colocadas por um 'bloco histórico' de intelectuais. Os paralelos com o 'novo pensamento' são talvez óbvios demais para deixar de ver" (Kubáľková, 2001:137,138).

Quando Gorbachev começa a falar da humanidade como um todo faz referência à sociedade mundial, a única diferença no entendimento soviético do termo foi que ao invés de ver o mundo amarrado por termos e valores positivos que são compartilhados, os valores que Bull acreditava ser da modernidade, Gorbachev referia-se em termos negativos às forças que ameaçavam a existência da humanidade no planeta.

Neste sentido, Gorbachev ressaltava a dimensão de "destino comum"- uma das variáveis importantes da mudança estrutural destacadas por Wendt. Atores enfrentam um destino comum quando a sobrevivência e bem-estar dos indivíduos depende do que acontece com o grupo como um todo. E como o destino comum é constituído por terceiras partes, uma representação simbólica da situação é muitas vezes necessária. O bloco ocidental poderia ser imaginado, já antes do final da Guerra Fria, como tendo este destino comum vis-à-vis a União Soviética. Ao mesmo tempo em que procura diminuir a percepção de ameaça do Ocidente em relação à União Soviética, Gorbachev propõe fazer parte desta comunidade, levantando novos "inimigos" comum a todos: o meio-ambiente, a guerra nuclear.

"Ao tratar a identidade coletiva ao menos numa base de 'como se fosse' , a cooperação repetida leva a hábitos de pensamento que motivam os atores a cooperarem mesmo se a fonte objetiva do destino comum desaparece (NATO depois de 1991?) isto é, não apenas por causa dos custos de transação de abandonar o regime de cooperação, mas porque querem [consideram legítimo]." (Wendt, 1999:352).

Ele argumentou que a sociedade mundial ganhava maior importância do que a luta de classes dados os problemas globais – "Representava uma mudança da guerra de manobra de Gramsci para uma guerra de posição, a primeira assumindo em última instância a invasão e ocupação (e sendo muito cara), a última mirando em sociedades em suas 'casas' (e sendo muito menos imoral). Assim, é correto dizer que Gorbachev desmantelou a estrutura da Guerra Fria, como nota Wendt."

(Kubáľková, 2001:140)

“Um sistema bipolar é definido pelos seus pólos. Quando a União Soviética e os Estados Unidos repudiaram a noção das Relações Internacionais como um sistema de auto-ajuda e mudaram as regras pelas quais operavam, eles transformaram seu relacionamento e, por extensão, o caráter do sistema internacional. [...] O sucesso das superpotências em escapar do dilema de segurança indica que as unidades não são sempre vítimas de alguma estrutura abstrata e pré-estabelecida, mas sim atores inteligentes e reflexivos que, através de seu comportamento coordenado, podem e efetivamente transcendem as conseqüências da anarquia como descritas pelo realismo” (Lebow, 1995:49).

A partir de uma cultura sistêmica Lockean, com o componente da auto-restrição presente, Gorbachev explorou o destino comum, uma das variáveis importantes em um processo de formação de uma identidade coletiva, uma comunidade pluralista de segurança. Ao mesmo tempo, colocou em movimento uma transformação da identidade da União Soviética. Mesmo que as reformas internas e as revoluções da Europa Oriental tenham saído de seu controle, internacionalmente a transformação da União Soviética e as iniciativas que toma em função desta reflexão crítica têm um impacto sistêmico importante, ao transformar o relacionamento com os Estados Unidos e dar impulso a uma transformação da cultura do sistema como um todo. De novo, mesmo que esta transformação em direção a uma cultura Kantiana não seja bem sucedida – e o momento atual sugere que talvez não seja – isto não diminui a importância do momento do final da Guerra Fria e o potencial analítico e descritivo do conceito de cultura da anarquia de Wendt.

A teoria crítica ou constitutiva lembra que tipos sociais como o sistema internacional são de fato idéias criadas por seres humanos. Ao investigar como estes tipos sociais são criados com os poderes causais que tem, questões constitutivas mostram o papel que as práticas dos atores têm na sustentação do que parecem fatos sociais objetivos – a lógica da anarquia. E podem sugerir novas maneiras de construir estas estruturas. O Novo Pensamento de Gorbachev foi uma reavaliação profunda por "cientistas leigos" da Guerra Fria, com a qual foram capazes de mudar sua idéia sobre o conflito. Em um importante sentido, estas idéias eram a Guerra Fria, e mudando-as por definição mudou a realidade. (Wendt, 1999:375)

No Idealismo, a cultura da vida internacional depende do que estados fazem

– a "anarquia é o que os estados fazem dela". Uma vez que a mudança dentro da União Soviética estava encaminhada, o próximo passo importante é examinar como isto é colocado na interação entre as potências. É esta interação que tem uma dimensão inerentemente sistêmica e traz a análise para o âmbito da estrutura do sistema internacional.

4.3

Altercasting e análise simbólica

A reflexão crítica do segundo estágio abre caminho para uma nova prática. Na maior parte dos casos, não basta que um ator reflita sobre suas idéias de *self* e *other*, porque antigas identidades foram sustentadas por sistemas de interação com outros atores, cujas práticas continuam como um fato social para o agente em transformação.

"Para transformar o self, portanto, é muitas vezes necessário mudar as identidades e interesses de outros que ajudam a sustentar estes sistemas de interação. O veículo para induzir estas mudanças são as próprias práticas do ator, e, em particular, a prática de 'altercasting' – uma técnica de controle de interação na qual ego usa as táticas de auto-apresentação e controle de palco em uma tentativa de moldar as definições de alter sobre situações sociais de modo a criar um papel que ego deseja que alter desempenhe. Ou seja, no altercasting ego tenta induzir alter a tomar uma nova identidade (e portanto participar do esforço de ego de mudar a si mesmo), ao tratar alter *como se* já tivesse aquela identidade. A lógica disto flui diretamente da teoria de formação de identidade, na qual a identidade de alter é um resultado das práticas de ego; mude estas práticas, e ego começa a mudar a concepção de si mesmo" (Wendt, 1999: 159).

As práticas específicas dependem do contexto que sustentava as identidades, no caso, um sistema de segurança competitiva, sustentado por práticas que geram insegurança e desconfiança. O modo mais rápido de fazê-lo é por iniciativas unilaterais e compromissos de auto-restrição tais que compõem uma oferta irrecusável.

"[...] a ascensão de Gorbachev reverteu quase da noite para o dia o padrão dos quatro anos precedentes: depois de março de 1985, foi a União Soviética que tomou a iniciativa nas relações com o ocidente. E o fez de uma maneira que assegurava ao mesmo tempo em que perturbava: tornando-se tão cooperativa a ponto de convencer aqueles que apoiavam o 'containment' nos Estados Unidos e Europa Ocidental – desconfortáveis com a ausência da intransigência à qual estavam acostumados – de que os Russos estavam querendo derrotar aquela estratégia ao privá-la, com uma inteligência sinistra, de um objeto a ser contido"

(Gaddis, 1992: 127).

Este processo foi descrito⁷ como uma das estratégias de auto-controle (o componente permissivo do processo de mudança em direção a um sistema pluralista de segurança.), que são as restrições auto-impostas: a tentativa de diminuir a ansiedade de Alter em relação às intenções de Ego através de iniciativas unilaterais.

A mudança das relações entre as potências já estava começando a se desenhar antes mesmo de Gorbachev, do lado americano, quando Reagan preparava-se para concorrer a reeleição em 1984 em meio a um clima tenso com a derrubada de um avião civil coreano em Agosto de 1983, e a aproximação com a China, além da postura de paz pela força e a corrida armamentista em curso.

“Os primeiros indícios de que o presidente poderia estar interessado em algo além de uma corrida armamentista sem fim começaram a aparecer na primavera e verão [do hemisfério norte] de 1983. Críticas sobre seu discurso do ‘império do mal’ aparentemente o afetaram: embora sua visão do sistema soviético não mudasse, Reagan foi cuidadoso, depois disso, usando linguagem mais moderada para falar dele. [...] Pouco depois da reeleição esmagadora vencendo Walter Mondale em novembro, os Estados Unidos e União Soviética anunciaram que um novo conjunto de negociações de controle de armas começaria no início do ano seguinte” (Gaddis, 1992:125-126).

Um modo interessante de abordar as iniciativas de altercasting, ou seja, a remodelagem da interação entre as potências, é analisar o seu conteúdo simbólico, utilizando a análise de O'Neill (2001), particularmente relevante porque traz uma abordagem construtivista à teoria dos jogos.

Desde seu surgimento nos anos 40, a teoria dos jogos se mostrou influente na economia, mas também em outros campos como a biologia, o direito e a ética. Recentemente novas interpretações dão maior flexibilidade e utilidade à teoria, dentre as quais podemos destacar: a redefinição da utilidade, representando escolhas e não causas, ou seja, um padrão de preferências dado em um determinado momento; um conceito de probabilidade mais subjetivo; um interesse no estudo de sistemas formais de crenças sobre as crenças de outros (conhecimento sobre o conhecimento). Dessa forma, a teoria dos jogos não seria

⁷ No primeiro capítulo, no segmento sobre processo e mudança estrutural

apenas uma versão matemática da teoria da escolha racional, ou necessariamente antitética ao construtivismo (O'Neill, 2001:253), especialmente se pensarmos em uma teoria dos jogos “Wittgensteiniana”, que toma uma visão holista, tratando a estrutura do jogo como conhecimento comum que constitui agentes com certas identidades e interesses. Isso esclarece o papel explicativo de um conteúdo mais amplo e dos termos da individualidade na interação.

“O interesse de teóricos dos jogos em conhecimento comum constitui uma virada ‘idealista’ importante em uma teoria muitas vezes associada com o materialismo. Ao contrário do recente interesse de alguns realistas no papel de crenças, não há nenhum perigo de um desvio degenerativo já que crença [belief] sempre foi um elemento essencial na teoria intencional da ação. [...]. Conhecimento comum é sobre as crenças de atores sobre a racionalidade, estratégias, preferências e crenças de outros, assim como sobre estados do mundo externo. Essas crenças não precisam ser verdadeiras, basta que se acredite serem verdadeiras. [...] Formas culturais específicas como normas, regras, instituições, convenções, ideologias, costumes e leis são todas feitas de conhecimento comum” (Wendt, 1999: 160).

Colocar as nuances simbólicas corretas em suas palavras e ações é uma preocupação constante dos praticantes de política externa. O'Neill distingue entre três tipos de símbolos: valor, mensagem e foco. Os primeiros envolvem a associação da identidade e dos valores de um ator com determinadas ações e objetos. Símbolos de mensagem são modos de comunicação. A comunicação normalmente envolve uma linguagem regular baseada no seu uso precedente, mas o mecanismo da comunicação simbólica é diferente, e usa protótipos, metáforas e metonímias. Finalmente, símbolos focais são eventos que induzem observadores a adotar um julgamento comum sobre qual ação devem tomar diante de uma situação importante. Dentre estes três, os símbolos de mensagem e de foco são os mais importantes para analisar o final da Guerra Fria, então serão vistos com maior detalhe. (O'Neill, 2001:xii).

Símbolos de mensagem são freqüentemente comparados a linguagem, mas de algum modo este tipo de linguagem é compreensível a primeira vez que é usada. Alguns símbolos são usados tão freqüentemente que seu significado é imediatamente compreendido sem os métodos de decodificação normalmente usados.

Dentre os mecanismos por trás de mensagens simbólicas, três são relevantes: o protótipo é uma instância semi-específica usada no lugar de uma idéia mais abstrata, de forma a ajudar a manipulação mental. Um pardal é um

protótipo de pássaro e transmite esta idéia melhor do que uma avestruz, por exemplo. Existem também os cenários prototípicos com conceitos como amor, inveja ou raiva. A metonímia é a escolha de uma parte para sugerir o todo, e uma metáfora conceitual traduz um conjunto extenso de idéias de um domínio para outro, onde um exemplo seria a remoção de um posto de observação no muro de Berlim para celebrar o fim do regime comunista. (O'Neill, 2001:30-32).

A convenção de Genebra mostra uma mensagem simbólica:

"A cúpula de Geneva, como muitas antes, foi cheia de simbolismo e com pouca substância. Os dois líderes pareceram se entender bem: eles se comportavam, conforme um conselheiro de Reagan colocou mais tarde, 'como um par de indivíduos que haviam se encontrado em um clube e descobriram que tinham muito em comum'. O presidente concordou em discutir cortes profundos em armas estratégicas e verificações aprimoradas, mas não estava preparado para abandonar o desenvolvimento da Iniciativa de Defesa Estratégica para isto." (Gaddis, 1992:127).

A ação dos líderes envolvia uma metáfora, um protótipo e uma metonímia. A metáfora utilizada é a que traduz nações como pessoas, neste caso, seus líderes. As relações entre os elementos passam de um domínio para outro: ao demonstrar a convivência entre Gorbachev e Reagan, demonstravam a possibilidade de entendimento entre as potências. O protótipo era o conceito de amizade, e o aspecto metonímico foi a escolha de algumas atividades relacionadas à amizade, tais como apertos de mãos e outras atividades visíveis.

Como resultado deste encontro, ambos concordaram em princípio em um corte de 50 por cento nas forças estratégicas e a reabertura de programas de intercâmbio cultural. Além disto, parecia que havia ficado claro para ambos de que a ameaça nuclear era um problema que merecia atenção.

Nos quatro meses que antecederam a reunião em Reykjavik, na Islândia, em Outubro de 1986, houve pouco progresso em direção ao controle de armas, e ocorreu um incidente entre as agências de inteligência. O evento demonstrou ser uma oportunidade para Gorbachev propor uma cúpula 'preliminar' rapidamente, para tentar romper o impasse nas negociações sobre forças nucleares de alcance intermediário na Europa.

"Jervis cita um exemplo simbólico [de simbolismo focal em pré-negociações] de Agosto de 1986, logo antes da cúpula entre Reagan e Gorbachev. Os Estados Unidos prenderam um funcionário da embaixada soviética, Gennady Zakharov, por

receber material confidencial. A União Soviética respondeu prendendo Nicholas Daniloff, um repórter americano que tinha sido intermediário para a CIA. [...] Alguns comentaristas americanos preocupavam-se que a União Soviética veria as negociações sobre Daniloff como uma medida da resolução americana para a cúpula. [...] A questão não era sobre cada lado aprender sobre as características da firmeza de propósito do outro ao observar evidências acumuladas. Cada lado estava formando expectativas sobre as expectativas atuais do outro, um fenômeno muito menos estável [um jogo de "Chicken" como prelúdio para outro jogo de Chicken, guardando alguma similaridade com Bush e Saddam hoje?]" (O'Neill, 2001:61).

O encontro de Reykjavic de quatorze horas tomou muitos de surpresa, inclusive o próprio Reagan:

"Mas quando o Presidente e seus conselheiros chegaram em Reykjavic, descobriram que Gorbachev tinha uma proposta muito mais grandiosa em mente. Incluíam não apenas o apoio a cortes de 50 por cento em todas as armas estratégicas americanas e soviéticas, mas também um acordo para não pedir a inclusão de armas nucleares britânicas ou francesas nestes cálculos(...) e aceitando em princípio a 'opção zero' de Reagan de 1981 para as forças nucleares intermediárias, tudo em troca de um compromisso americano de não sabotar a proibição do SALT I em defesas estratégicas pelos próximos dez anos. Impressionados pelo tamanho destas concessões, o lado americano elaborou uma contra-proposta[...] Gorbachev respondeu imediatamente propondo a abolição de *todas* as armas nucleares em dez anos[...]" (Gaddis, 1992:128).

Esta última proposta falhou quando Gorbechev insistiu que fosse ligada ao término dos testes de laboratório do SDI, o programa "guerra nas estrelas" e Reagan discordou. Uma importante mensagem simbólica foi transmitida, no entanto: a de que a União Soviética estava realmente comprometida com o controle de armamentos, mesmo que a proposta não fosse viável, ela demonstrava intenções, promovia uma idéia.

As negociações de controle de armas continuaram após Reykjavic, e um ano mais tarde Gorbachev fez sua primeira visita a Washington, onde assinaram um tratado de forças nucleares intermediárias, em Dezembro de 1987, eliminando mísseis de médio e curto alcance (até 3000 milhas) – um pacto histórico que pela primeira vez significava que russos e americanos desmantelariam e destruiriam diante dos olhos do outro uma categoria inteira de armas nucleares.

"Seguiu-se uma visita triunfal de Reagan a Moscow em Maio de 1988, com a visão incomum de um secretário geral soviético e um presidente americano andando amigavelmente na Praça Vermelha, cumprimentando turistas e segurando bebês em frente ao túmulo de Lênin, enquanto seus respectivos adidos militares – cada um carregando os códigos necessários para lançar mísseis nucleares no território

adversário- permaneciam discretamente no fundo" (Gaddis, 1992:129).

Mais ainda do que na cúpula de Geneva claramente a mensagem simbólica de que as nações são "amigas" e podem conviver juntas está representada na metáfora da nação-como-pessoa e no comportamento de seus líderes, como em um discurso que Reagan havia feito para televisão em 1984 onde:

"concluiu seus comentários especulando como um típico casal soviético [metonímia representando a nação soviética] – Ivan e Anya – poderiam descobrir que tinham muito em comum com um típico casal americano – Jim e Sally. 'Poderiam até decidir que se reuniriam para jantar [comportamento prototípico de amigos] em alguma noite próxima'" (Gaddis, 1992:126).

Em dezembro de 1988 o líder soviético retornou aos Estados Unidos e fez outra proposta, em um passo importante em direção a traduzir o controle de armamentos para a área de forças convencionais: uma redução unilateral das forças armadas em 500.000 homens e 10.000 tanques em dois anos. Quanto à "guerra nas estrelas", o plano original de Reagan havia falhado – resultado de realidades científicas, déficits orçamentários, e da recusa do Pentágono de confiar a segurança da nação ao SDI. (LaFeber, 1993:325).

Além dos acordos de controle de armamentos, importantes propostas de direitos humanos foram feitas, incluindo a reforma da lei soviética para proibir perseguição por crenças políticas ou religiosas, e permitindo que um número crescente de judeus soviéticos deixassem a União Soviética.

Finalmente, uma importante norma da política internacional seria transformada:

"Apesar de vários episódios de redução de tensão, a tática comunista de conquistar pela subversão havia se tornado uma norma constitutiva da política de blocos do pós-guerra que limitava a prática da política no sistema internacional. Começou com a insistência de Stalin de que países dentro da esfera de influência soviética adotassem o modelo soviético, a natureza constitutiva desta norma foi reforçada pela resposta ocidental da contenção e pela aceitação da divisão da Europa – especialmente pela falta de resposta do ocidente à revolta na Hungria de 1956. Finalmente, esta norma foi formalmente reconhecida na Doutrina Brehznev" (Koslowski et al., 1995:144).

Quando assumiu poder, Gorbachev aumentou o investimento de poder soviético em países divididos e arrasados pela guerra como Afeganistão e Angola, mas em 1986 reverteu curso – considerando inadmissível e fútil encorajar

revoluções externamente. Assim como a guerra do Vietnã convenceu muitos americanos que a ameaça soviética era exagerada, a guerra do Afeganistão teria tido efeito similar em Moscow (Herrmann, 1995:276). Isto ocorreu porque trouxe à tona realidades regionais e altos custos que rompiam com as metáforas simples da Guerra Fria, e diminuía a vontade doméstica de defender interesses simbólicos, diferentes de intrínsecos. Era necessário desconstruir a noção de que cada país aliado a um ou outro bloco que mudasse de posição seria uma vitória ou derrota significativa (a vitória em uma nação é a vitória no conflito inteiro, como o jogo de Chicken dentro do jogo maior), não importa quão remotos fossem os interesses de cada país, ou o resultado concreto que teria na balança de poder – isto sem contar com a discussão da importância da balança de poder em si (que depende da discussão maior em torno das culturas da anarquia – a distribuição de poder só adquire significado de acordo com a distribuição de interesses, identidades, intenções).

"E o mais importante, ele retirou 115.000 tropas soviéticas do Afeganistão até o início de 1989. Esta 'ferida em sangramento', conforme a chamou, havia infectado soldados soviéticos com o vício das drogas e do alcoolismo ao mesmo tempo em que consumiu 15.000 vidas soviéticas (e 85.000 afegãos). [...] A virada veio em 1986 quando, com forte apoio do Congresso, a CIA forneceu às guerrilhas mísseis anti-aéreos Stinger que poderiam destruir as aeronaves de guerra soviéticas. A ironia foi que (como talvez Gorbachev tenha calculado) uma vez que o Exército Vermelho se retirou, os Afegãos voltaram a lutar visceralmente entre si. [...] 'Todos eram contra os Russos' um líder de guerrilha observou, 'mas agora as pessoas estão confusas' [a falta que faz uma ameaça externa para promover a coesão]" (LaFeber, 1993:326,327).

Quanto à Europa Oriental, o regime de Gorbachev assumiu o poder convencido da necessidade de uma atitude mais permissiva e de maior apoio em relação a elementos pró-reforma na Europa Oriental.

"No seu discurso no vigésimo sétimo Congresso do Partido, o secretário geral sinalizou o início de uma política de 'desregulação' do bloco quando observou que a 'unidade não tem nada em comum com a uniformidade' ou com a 'interferência de algumas partes nos assuntos de outros' [um reconhecimento do direito à liberdade]. A morte oficial da doutrina Brehznev ainda demoraria mais três anos, mas a liderança estava claramente indicando que Moscow não impor a sua vontade nos aliados da Europa Oriental e que certamente não o faria pela força. Como parte de um movimento para relaxar o punho de ferro de quatro décadas no bloco, Gorbachev incentivou ativamente governos do Pacto de Varsóvia a emular Moscow na introdução de maior liberalização na vida econômica e política." (Herman, 1996:305).

O controle soviético da Europa Oriental passou por uma rápida transformação em apenas alguns anos. Esta mudança pode ser conceitualizada como um processo envolvendo os estágios de "Otomanização", "Finlandização" e "Austrianização" (Kosłowski e Kratochwil, 1995:146).

A Otomanização, que caracteriza melhor o período que vai do final dos anos 1970 até janeiro de 1989, é a lenta decadência do império soviético, uma transformação de um império formal em um tipo de dependência que já foi chamada de suzerania – uma emancipação lenta, descontínua e não planejada dos estados em relação ao centro imperial e de sociedades em relação a estados. Tanto na Hungria quanto na Polônia, governos comunistas retiveram sua forma enquanto procuravam uma reforma econômica baseada em mercado e políticas pluralistas dentro do Partido Comunista.

No discurso para as Nações Unidas em Dezembro de 1988, o líder do maior país socialista do mundo, freqüentemente considerado um pária, relatou para a comunidade internacional que a União Soviética estava se reinventando baseada nos princípios e ideais que haviam fornecido a inspiração original para as próprias Nações Unidas. Os cortes unilaterais de forças convencionais apresentado por Gorbachev foi uma poderosa expressão das intenções (ou seja, uma mensagem simbólica bem-sucedida) em relação à Europa Oriental assim como em relação aos estados da OTAN.

"A remoção implícita da ameaça da força soviética de esmagar desafios à autoridade comunista foi seguida de uma série de decisões significativas da hierarquia de Gorbachev que indiretamente fomentou a revolução interna e acelerou o colapso dos regimes do Pacto de Varsóvia" (Herman, 1996:307).

O muro de Berlim formou uma rede de símbolos e mostrou o desenvolvimento de uma gramática que abrangia os três tipos de simbolismo (valor, foco e mensagem).

"O muro foi construído em 1961, mas muito antes disto, a cidade em si serviu como um posto avançado simbólico contra a expansão comunista. Este significado teve suporte no drama simbólico do corredor aéreo de Berlim [na crise de Berlim em 1948-49], e as associações de valor geradas provavelmente tiveram a consequência histórica de reduzir a nuvem sobre a Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial. Quanto o muro foi construído, muitos políticos ocidentais o visitaram imediatamente para demandar ação forte, mas Konrad Adenauer, no meio

de uma eleição presidencial, falhou em tomá-la. Sua omissão tornou-se simbólica, no sentido focal, de sua complacência. O forte valor simbólico distorceu a história na mente popular – muitos lembram do discurso "Eu sou um berlinense" de Kennedy no muro, e não na seu local de fato na Prefeitura. O muro dividia fisicamente Berlim, mas como símbolo focal dividia a Alemanha e a Europa. Foi colocado em símbolos de mensagens: protestos políticos e concertos musicais aconteceram lá. [...] A importância de foco e mensagem de sua demolição sob Gorbachev foi tão importante quanto a de sua construção." (O'Neill, 2001:23).

Com a Polônia já em transição para um governo não-comunista, e o regime da Alemanha Oriental sob cerco, o regime de Gorbachev provou ser fiel aos seus princípios. Seus interesses primários de segurança estavam neste país, e portanto tratou-se de um teste do repúdio à doutrina Brezhnev. Se Gorbachev quisesse impedir a pressão popular contra o regime de Honecker, teria intercedido muito antes do governo da Alemanha Oriental se tornar inviável. Ao contrário, em uma viagem para Helsinki em Outubro de 1989:

"[...] o líder soviético praticamente declarou a Doutrina Brezhnev formalmente morta, ao afirmar que a 'União Soviética não tem o direito moral nem político' de interferir nos assuntos de seus aliados do Pacto de Varsóvia. Ordenou que tropas soviéticas baseadas na República Democrática da Alemanha (GDR), não participassem na supressão de demonstrações anti-governistas que ameaçavam derrubar o regime. O muro de Berlim foi rompido e os comunistas logo foram retirados do poder. O mesmo destino caiu sobre seus camaradas em todo o bloco até o fim do ano." (Herman, 1996:307).

Esta fase da Finlandização significava políticas domésticas autônomas em conjunto com uma política externa que não entrasse em conflito com interesses soviéticos. Era a transformação de um império informal em uma esfera de influência mais tradicional onde apenas a política externa do país é regulada. (Koslowski et al., 1995:147)

É relevante ressaltar que esta resposta benevolente às revoluções de 1989, ao mesmo tempo em que reflete o objetivo de Novos Pensadores de colocar a União Soviética entre as nações industrializadas avançadas – não em termos de seu poder militar, mas em termos de princípios compartilhados e uma identidade comum-, não significava um abandono dos interesses ou dos ideais soviéticos.

"(...) havia uma poderosa ligação com os ideais da grande Revolução de Outubro. A invocação do legado Leninista por Gorbachev não era tanto uma tentativa de aumentar legitimidade para um regime que movia-se na direção de dismantelar um regime construído por seu fundador, mas sim uma tentativa de resgatar a promessa

da revolução." (Herman, 1996:311).

Ao contrário de lidar com estes problemas pela força, tratava-se de uma estratégia de contrarreforma. Ao abandonar a doutrina Brehznev Gorbachev pretendia manter pelo menos um controle mínimo através das reformas – ao não intervir para salvar o comunismo, aumentava as chances de manter a única estrutura que parecia mais importante para o novo interesse de segurança da União Soviética, redefinido em novas bases: o pacto de Varsóvia, redefinido como uma aliança clássica (embora hegemônica).

Contudo, o processo adquiriu dinâmica própria, tanto internamente quanto no plano da política externa:

"O colapso da União Soviética, e a desintegração da estrutura social chamada de União Soviética foram conseqüências não intencionais das escolhas racionais feitas por Gorbachev (por causa da complexidade e da multiplicidade de arranjos sociais pelo qual era responsável) na ordem errada e tarde demais. Embora estivesse trabalhando no 'Novo Pensamento' desde o começo de seu regime, ele foi lento demais na área de estrutura que era notoriamente fraca, nominalmente, a área de nacionalidades. Ele tinha que mudar as regras da federação soviética de diretivas para 'commissives', dissolver o arranjo existente, e permitir que as repúblicas Soviéticas assinassem um tratado de confederação ou federação. Ele planejava fazer isso, mas não teve tempo. Deixou despreparado seu outro público, a população soviética em geral. Falhou até em começar a mudar as regras que governam as atividades do dia-a-dia da população. Estas estavam firmemente inseridas na estrutura social existente." (Kubalkova, 2001:141).

No plano externo:

"(...) cedo no processo da morte da doutrina brezhnev, as mudanças na Europa Oriental levaram ao desenvolvimento de novas práticas nas relações das superpotências. Estas incluíam o suporte a líderes comunistas pelo presidente americano, um entendimento das relações Estados Unidos-União Soviética em termos de parceria, e comunicações menos formais e mais freqüentes entre ambos(...)" (Koslowski et al., 1995:152).

Através de uma comunicação bem-sucedida entre o novo regime soviético e os Estados Unidos, foi possível transmitir, com a ajuda de símbolos, a nova identidade que a União Soviética desejava ter. Embora sua transformação interna ainda estivesse em processo, o trabalho discursivo de Gorbachev foi bem sucedido em fazer o ocidente tratá-lo como se já tivesse a nova identidade compatível com conceitos como a "segurança indivisível" ou a "casa comum européia". Neste

sentido, a tática de altercasting foi bem sucedida, porque convenceu os "outros" a mudarem suas práticas, mesmo sem passar por um processo de reflexão crítica como os novos pensadores haviam passado. Através de atitudes como a não-intervenção na Europa Oriental e cortes unilaterais de armamentos, além de gestos cooperativos no sentido de acordos de controle de armamentos, uma nova base intersubjetiva para a interação estava sendo construída. Na medida em que estas eram as duas superpotências do sistema, esta mudança tem um impacto significativo. Embora a reação americana já tenha sido abordada de certo modo nesta seção, é válido examinar a mudança dos Estados Unidos especificamente, e é este o assunto da próxima seção.

4.4 Reciprocidade

Por si só tais práticas não podem transformar o sistema competitivo de segurança se elas não forem recíprocadas por alter. Era crucial a confirmação do Ocidente de que não invadiria a União Soviética, ou de alguma outra forma exploraria a vulnerabilidade criada por estas práticas, uma garantia que reduziu os custos externos da mudança de papel. Ou seja, a auto-restrição – fator permissivo para o processo de mudança, sem o qual não há possibilidade de construção de uma identidade coletiva – estava presente. Além disto, a resposta americana foi crucial para construir um entendimento realmente compartilhado, e a base para um novo modelo de interação.

Para que a estratégia de prática crítica de transformação de identidades tenha sucesso, ela tem que ser recompensada por alter, que incentivará mais práticas semelhantes de ego, e assim por diante – com o tempo, isto vai institucionalizar uma identificação positiva, e não negativa, entre a segurança do *self* e do *other* e assim formar uma base intersubjetiva para o que eram compromissos cautelosos com novas identidades e interesses. (Wendt, 1992:160)

"Gorbachev nunca teria contemplado – e nem teria permissão de levar a cabo – suas reformas domésticas, acordos assimétricos de controle de armas, e a liberação da Europa Oriental se ele ou a maioria do Comitê Central esperasse um Ocidente hostil a responder agressivamente a uma União Soviética visivelmente mais fraca." (Lebow et al., 1995:8).

No princípio, repetindo, Reagan e seu secretário de estado, George Shultz, desconfiavam igualmente das intenções soviéticas. As iniciativas de Gorbachev, sua demonstração de boa vontade e seu aparente interesse em cortes de armamentos ia contra tudo que tinham compreendido da União Soviética e de seus interesses. Reagan permaneceu com sua imagem do "império do mal", mesmo depois que as políticas internas e externas de Gorbachev começaram a atrair apoio do Ocidente, e expressava dúvidas sobre a sinceridade do líder soviético. (Lebow et al., 1995:10)

O compromisso de Gorbachev de retirar as forças do Afeganistão, suas reformas domésticas, e acima de tudo, a impressão pessoal que fez em Reagan em seus diversos encontros finalmente convenceram o presidente de sua sinceridade.

"Podemos especular que a virada de Reagan foi facilitada pela natureza da imagem que tinha da União Soviética. Psicólogos cognitivos sabem que imagens simples e pouco diferenciadas são mais suscetíveis à mudança, enquanto que imagens complexas com mais componentes interconectados através de um raciocínio causal elaborado são mais resistentes à mudança. A imagem de Reagan da União Soviética, ao mesmo tempo em que era significativamente hostil, era relativamente simples e indiferenciada. Uma vez que passou a considerar Gorbachev como um amigo e comprometido com a paz, ele mudou a imagem que tinha da União Soviética para torná-la consistente com sua imagem de Gorbachev [Observe a força da metáfora que mapeia o domínio da nação em seu líder, ou seja, do país-como-pessoa.]" (Lebow et al., 1995:10).

Gaddis concorda (1992:131) com esta análise, e reitera que, embora o Presidente e seus conselheiros tenham assumido poder com uma visão ideológica do mundo que parecia não permitir compromisso com os russos, a ideologia teria se desenvolvido para acomodar a realidade, e que esta é a marca de um político habilidoso, que teve um impacto decisivo em alguns momentos:

"A Iniciativa de Defesa Estratégica, que pode ter tido seus problemas como escudo de defesa mas certamente funcionou em perturbar os russos [ainda o argumento de paz pela força], a defesa da 'opção zero' em conversas sobre INF e reduções reais no START; a rapidez com que entrou em negociações sérias com Gorbachev quando este assumiu poder, portanto legitimando-as; e mais importante de tudo, sua vontade de contemplar alternativas à corrida armamentista nuclear de uma maneira que nenhum outro presidente foi capaz de fazer. Agora, pode-se protestar que estas eram idéias simples, não-sofisticadas (...) Mas é importante lembrar que enquanto complexidade, sofisticação e nuance podem ser pré-requisitos para uma liderança intelectual, não o são necessariamente para liderança política, e podem até atrapalhar. [...] Algumas vezes a simplicidade mental vence, especialmente se

acontece em lugares altos⁸ (Gaddis, 1992:131).

Ou seja, o componente do auto-controle estava claramente presente, e os Estados Unidos, e em particular Reagan, aceitaram o novo papel que foi oferecido a eles pela União Soviética – solidificando portanto a transformação da identidade de ambos os atores, com um impacto sistêmico: não era apenas a bipolaridade que terminava, mas a própria importância de haver "pólos".

"As ações dos Estados Unidos em resposta ao colapso soviético e os objetivos declarados de política externa demonstram que mesmo os atores com o maior potencial de ganhos relativos em um novo sistema internacional não estão seguindo a lógica neorealista. Ao invés disso, os Estados Unidos e outros atores no sistema internacional estão avaliando ameaças de uma maneira que vai muito além da distribuição de capacidades[...]. De fato, a resposta dos Estados Unidos ao colapso do comunismo soviético tem sido motivada primariamente pelas consequências potenciais da guerra civil na [ex-]União Soviética" (Koslowski et al., 1995:133).

Na medida então em que os Estados Unidos aceita o movimento de *altercasting* da União Soviética e retribui ao portar-se como amigo no relacionamento entre as duas potências, a base aparentemente "natural" e imutável de uma bipolaridade antagônica desaparece. É quase como dois indivíduos em disputa que em um momento de pausa param e se perguntam como chegaram nesta situação. Quando a União Soviética faz esta reflexão crítica e é capaz de fazer os Estados Unidos mudar seu *reflected appraisal* da própria União Soviética, a interação entre os dois muda, e muda o sistema com eles.

4.5 Conclusão

Procurou-se analisar a mudança do final da Guerra Fria como um passo importante de uma cultura Lockean (mesmo em plena "segunda Guerra Fria") em direção a uma cultura Kantiana mostrando como estados podem mudar através de suas práticas o ambiente de interação (a estrutura micro) e o conhecimento compartilhado na forma da cultura sistêmica (a estrutura macro).

A mudança estrutural não é fácil. O próprio termo "estrutura" indica isto. Em última instância, a necessidade humana por segurança ontológica cria uma preferência importante pela ordem e pela previsibilidade, e a internalização de

papéis e identidades cria compromissos com a cultura corrente.

Contudo, a construção de identidades na interação é entendida como um processo de aprendizado social complexo, onde as identidades dos atores e seus interesses correspondentes são aprendidos e então reforçados (ou mudados) em resposta a como os atores são tratados por "significant Others".(Wendt, 1999:327). Como na interação atores estão constantemente escolhendo papéis (role-taking) e colocando outros em certos papéis (altercasting), isto dá uma dimensão importante de agência que está ausente nas unidades pré-culturadas de Waltz - elas já vem com interesses e um tipo de identidade estável, e na interação são capazes apenas de um aprendizado simples. Neste sentido, a lógica da anarquia neorealista seria inescapável – façam o que fizerem, estados serão orientados pelo auto-interesse e pela busca de poder. Já nas culturas da anarquia de Wendt, a mudança sistêmica é possível porque em última instância, atores e identidades são também processos.

Para a União Soviética, permanecer em um "jogo" onde a competição é por capacidades materiais (e particularmente no plano militar) em um momento de crise interna seria uma armadilha – estava fadada a perder, e é este raciocínio que impulsiona os Estados Unidos a lançarem programas como o "guerra nas estrelas" e investirem em uma nova corrida armamentista. Bastava pressionar o rival para que este sucumbisse – as regras do jogo estavam estabelecidas e bastava prosseguir com a estratégia de sempre.

Mas e se o jogo mudasse? Porque mesmo estavam as duas superpotências envolvidas em um custoso e perigoso jogo de ameaças e movimentos estratégicos? Gorbachev buscava reformar a União Soviética para resgatar o ideal da revolução de uma crise interna, e a política externa seria uma poderosa ferramenta neste sentido. Para transformar a lógica da interação, era necessário buscar outra lógica da anarquia, uma onde as capacidades importassem menos porque os papéis são diferentes. A distribuição de interesses é que dá significado às capacidades: entre inimigos, uma pequena diferença pode ser letal, entre amigos, passar despercebida.

Gorbachev recupera a variável do destino comum, evocando o perigo nuclear. Junto com a variável da auto-restrição exercida por parte dos Estados Unidos, o processo pôde prosseguir sem o medo de que os atores seriam subsumidos física ou psicologicamente por aqueles com quem se identificam.

Temos então um motivo (a crise e a necessidade de reformas), uma reflexão crítica (o Novo Pensamento), um método (o altercasting e a mudança unilateral de práticas) e um resultado (a reciprocidade, o último componente, e a transformação do ambiente da interação, e portanto, da cultura).